usinas que investiam em ambiciosos programas de expansão e modernização, recorrendo aos financiamentos do Fundo de Exportação, terminaram não podendo cumprir seus compromissos financeiros nos prazos contratados.

O PROÁLCOOL CHEGOU EM BOA HORA...

O Proálcool revelou-se, portanto, como projeto reativador do setor. Para direcionar a produção para o álcool foi melhorada a paridade do açúcar em relação ao álcool: de 44 litros/sc de 60 kg em 1975, a paridade foi reduzida para 42 litros/sc em outubro de 78 e para 40 litros/sc no início de 1979.

...MAS FALTA INSTITUIR A PARIDADE ECONÔMICA

A nova equivalência é mais realista do ponto de vista técnico na medida em que reflete aquilo que efetivamente poderia ser produzido de álcool renunciando-se a certa quantidade de produção de açúcar. No entanto, dado o parque industrial estabelecido e as relações de produção e custo, o indicador relevante seria a paridade econômica, ou seja, quanto custa efetivamente produzir álcool comparativamente a açúcar. Esta paridade situar-se-ia então em torno de 37-38 litros/sc.

Os atuais preços do açúcar, bem como a necessidade de recursos para fazer frente aos problemas financeiros do setor, contribuiram para o engajamento dos produtores de açúcar na produção de álcool. A crise do petróleo veio favorecer a reserva do mercado para o produto. O excedente de gasolina, obtido com o menor consumo registrado a partir da mistura de álcool na gasolina, tem sido exportado para alguns países da América do Sul e África.

SUBSTITUIÇÃO EM MAIOR GRAU DA GASOLINA POR ÁLCOOL REQUER AUMENTO DA PRODUTIVIDADE

As interrogações que persistem referem-se à possibilidade de se obter eventualmente uma substituição total de gasolina por álcool. Neste sentido, seria necessária uma expansão da área plantada dos atuais 2,5 milhões de hectares para 3,3 milhões de ha, desde que se associasse a esta área processo de irrigação, certamente envolvendo custos elevados. De outra forma, serão necessários 9,2 milhões de hectares, o que implicará em grande expansão da produção para um programa de resultados ainda incertos.

SOJA

INFLAÇÃO VS BALANÇO COMERCIAL

Mais uma vez o país tem que escolher entre assegurar o abastecimento interno e expandir as exportações de soja, em grão ou na forma de derivados. E o governo

hesita entre controlar o índice do custo de vida e melhorar a situação do balanço comercial.

É neste ponto que se localiza a raiz dos problemas atualmente verificados no complexo da soja, no Brasil, afetando consumidores e produtores da matéria-prima, devido às distorções do chamado "modelo exportador", fonte de incentivos à expansão da soja na agricultura brasileira. Deste modo, a análise da situação atual do mercado interno da soja remete, obrigatoriamente, a uma visão prévia do desenvolvimento do mercado internacional nas últimas semanas.

DIVERSOS FATORES TÊM CONTRIBUÍDO PARA MANTER ELEVADAS AS COTAÇÕES INTERNACIONAIS DA SOJA

As cotações internacionais do complexo vem-se mantendo elevadas – conforme o esperado, em razão não só da frustração da safra no Brasil como, também, devido ao precário equilíbrio existente entre a oferta e a demanda mundiais da leguminosa. Durante o ano comercial internacional 78/79, a demanda pela soja em grãos deverá crescer cerca de 6% (eram esperados 2,8%) enquanto a oferta mundial situar-se-á ao redor de 7% (previam-se 9%). Paralelamente, a demanda para industrialização do grão nos EUA está superando todas as expectativas, em razão da contínua depreciação da moeda naquele país (para quem paga com yens e marcos a soja daquele país alcançou o seu preço mais baixo nos últimos cinco anos), do crescimento dos rebanhos de suínos e aves norte-americanos e do inverno rigoroso. Fatores estritamente conjunturais, como o conflito sino-vietnamita e a revolução iraniana intervieram ao lado do aumento das cotações dos metais preciosos e do retorno da China e da URSS ao mercado.

POR QUE O ÓLEO DE SOJA DESAPARECEU NO MERCADO INTERNO?

Em razão da articulação da sojicultura brasileira com o exterior, já no início de fevereiro, a CACEX fixou quotas para o atendimento ao mercado interno, de 1,6 milhão de t de farelo e de 1,08 milhão de t de óleo. Como a possibilidade de que o esmagamento total da safra de 78/79 fique em torno de 9 milhões de t está sendo considerada razoável, teríamos, a partir dela, pouco mais de 7 milhões de t. de farelo e 1,6 milhão de t de óleo. Tais resultados permitem supor não só o pleno atendimento ao consumo doméstico, como também a colocação externa dos excedentes.

No entanto, no mercado interno, o óleo desapareceu. Entre as causas arroladas para sua falta está o atraso na colheita, pois atualmente, só foram colhidos 40% da área. É grande o retardo no Rio Grande do Sul, onde apenas 20% dos hectares plantados foram colhidos. Contudo o ponto focal está no preço da saca dos grãos (por volta de Cr$ 310,00), pago pelas indústrias.

O CASUÍSMO NOVAMENTE COGITADO

O desenrolar dos acontecimentos levou ao anúncio da futura adoção de exportações contingenciadas e de manipulação do crédito bancário como recurso extremo para a obediência às quotas, enquanto na Bolsa de Chicago especulava-se sobre a possibilidade do governo brasileiro recorrer, mais uma vez, ao confisco cambial: de 11% para o farelo e 14% para o óleo.

Comentários

Diante dos impasses configurados, ganham atualidade as alternativas propostas por Agroanalysis (vol I, nº 6) a medidas rígidas, como foi o confisco sobre a venda da soja, por exemplo. Eram elas:

a) articulação do sistema de impostos e incentivos fiscais, penalisando as exportações dos derivados e incentivando a exportação de produtos de maior valor agregado que utilizam o farelo como matéria-prima (frangos por exemplo);
b) criação de uma quota de contribuição restituível, sobre as exportações do complexo, que funcionaria como um fundo de reserva, protegendo os produtores das oscilações do mercado mundial, mantendo a receita de exportação.

A intervenção estatal na comercialização da soja brasileira move-se dentro do confronto já mencionado, porém de forma casuística, gerando dúvidas e sem solucionar, de fato, problemas como o da elevada ociosidade do parque de esmagamento de oleaginosas (60% do Rio Grande do Sul e 40% na média nacional, este ano).

Também colaboraram neste número, os seguintes estagiários:

Lauro Flávio de Faria
Rogério Carneiro Campello
Andréa Delmonte
Iracema Bouza Pessôa
Frederico A. N. B. Neto